ANO 8.º — Sexta-feira, 12 de Novembro de 1915 — NUMERO 896

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

França Borges

A noticia da morte do vigoroso jornalista, director do «Mundo», é recebida com geral consternação no seio da familia republicana

HOMENAGEM DO "DEMOCRATA"

Quando em Davos Platz, falando dos filhos, exalava o derradeiro alento Antonio França Borges, abriam-se as paginas da Historia desta Patria, que ele estremeceu, para, esculpindo-lhe o nome no alto duma delas, registrar em letras de ouro todos os actos da sua vida de republicano e de jornalista, lutador tenaz e incansavel que nem as ameaças e perseguições de anos, as calunias de todos os dias e as infamias de todas as horas conseguiram vencer!

Para nós, sobrepomos a todas as suas qualidades, de amigo, de orador, de jornalista, a tenacidade indomavel do seu espirito na defêsa persistentemente e puramente republicana, batendo-se de frente na convicção inabalavel da sua crença iluminado pelos clarões fulgurantes da sua fé!

E' especialmente sob este aspecto que nos sentimos subjugados pelo seu exemplo, admirando com a maior veneração a grandeza daquela alma, o puritanismo de aquela consciencia!

De longe vinha o empenho na luta que atingiu a culminancia pela ditadura franquista.

Mas então, nessa época de loucura e de terror, França Borges deu exuberantissimas provas da sua contumacia e indomavel coragem, resistindo, lutando com desespero, escrevendo com persistencia, apontando o perigo, protestando contra o crime que se praticava lançando a Patria no desastrado caminho da perdição, a Patria que ele antevia agonisante e vencida, invocando a sua imagem, que envolvia nos anceios da sua alma de português e de patriota.

O *Mundo* foi por essa ocasião a luz guiadora, o farol da esperança para todos que eram batidos, fustigados dura e violentamente, como naufragos em pleno oceano singrando em fracas embarcações a que o sul impetuoso varresse desabridamente os tombadilhos.

Quando muitos emudeceram, outros transigiam e alguns fraquejavam, França Borges levantava bem alto o pregão da revolta, soltava o grito agudo e formidavel aos republicanos para que não abandonassem a Patria e o partido, ao mesmo tempo que fulminava com acusações concretas os crimes de lesa-patria, de manifesta traição aos principios liberaes, sugeitando-se a todas as contingencias, a tudo quanto a realêsa planeava para lhe estrangular a voz, póde-se dizer, a unica que se erguia em Lisboa, e que retumbava pelo país inteiro!

Foi, sem duvida, nesse periodo de angustiosa incerteza, de receios pavorosos, de infamias e surprezas de toda a ordem, que França Borges revelou duma fórma inegualavel e superior o seu grande amor patriotico, a sua dedicadissima crença republicana, a fulguração do seu talento, batendo, quasi só, nas colunas do seu diario, as violencias ditatoriaes que um homem, arrastado pela vertigem do crime e sacudido pelos estremeções da demencia, arremessava contra a Patria e contra todos que por amor dela se erguessem na sua defêsa!

Grande republicano!

A inabalavel fé no crédo que uma vez abraçou com ardor e em todos os campos e em todas as circunstancias defendeu, consagrou França Borges na alma portuguêsa e de tal sorte, que, nesta hora amarissima, chora a perda do inconfundivel cidadão contra quem se despediram as maiores vilanias sem que contudo o desviassem um ápice do seu posto de honra e de intrepidez.

Caluniado, infamado, insultado, preso, perseguido, forçado a exilar-se nada alterou a limpida pureza das suas intenções; e, de olhos fitos no astro iluminado pela imortal chama da justiça, ele caminhou, batalhou e, nessa luta, como excésso de fadiga, sobreveio o esgotamento de energias que tanto dispendera numa corajosa campanha de anos consecutivos contra o velho regimen e a reacção em que se apoiava.

A 10 de novembro de 1913, fez ante-ontem dois anos, França Borges, já ferido pela implacavel enfermidade que o havia de matar, e coincidindo a sua passagem nesta cidade com a realisação de uma sessão de propaganda eleitoral para a apresentação nas eleições suplementares da candidatura do dr. Julio Sampaio Duarte, gostosamente acedeu a tomar nela parte, proferindo com um calor inexcedivel um discurso vibrante de verdade, que a assembleia constantemente cobriu de entusiasticos aplausos.

No inicio da sua oração, França Borges, disse uma grande verdade, que em toda a sua vida corroborou, subordinando os seus actos ás suas palavras—*Venho como um soldado obscuro para onde o dever lhe marca o logar.*

E como soldado obscuro, mas valoroso, sempre viveu, sempre trabalhou, dando todo o seu esforço, todo o resultado da sua gigantesca taréfa, que implicou a quéda da monarquia e o triunfo logico da Republica, á Patria e ao seu partido.

Referindo essa memoravel sessão, além do extrato do discurso de França Borges, a seu respeito, nestas colunas, escrevemos então palavras que de facto traduziam a veneração mantida por esse verdadeiro homem de bem e o reconhecimento compléto de toda a sua obra, de todo o seu entranhado amor á causa pela qual combateu, sofreu e morreu.

O desaparecimento de França Borges—precisâmos dize-lo neste momento—fére-nos em cheio a alma. Fére a alma dos bons patriotas, dos puros democratas. E quanto nos acontece, sucéde a todos que viram desenvolver-se em plena realisação a sua obra grandiosa, incomensuravel, fecunda para os destinos desta Patria tão amada!

O desaparecimento de França Borges, ainda que iluminado, ao findar a sua aspera e dolorosa caminhada, pela rutilante auréola do triunfo, cobre de pezados crépes o peito dos portuguêses, que querem ao seu país como á propria vida, a velha alma republicana, a alma da Democracia, que nos jornaes que o saudoso extinto inspirou, mórmente no *Mundo*, teve um estrenuo propapandista, um inegualavel defensor.

O ultimo retrato de França Borges, tirado na vespera da sua partida para a Suissa, num quarto do Hotel Bristol

Justifica-se, pois, esse luto. E' que com França Borges extingue-se, apaga-se, sóme-se um passado glorioso que ele representava, uma vida preciosa que era o exemplo vivo da abnegação, da lealdade, da virtude.

Por isso nos curvâmos respeitosos, cumpungidos, perante o cadaver do antigo combatente, nesta hora em que, a meia adriça, flutua a bandeira verde-rubra pela qual tanto pelejou, sacrificando-se.

—=—

Notas biograficas

O saudoso director do *Mundo*, cuja morte todos os republicanos hoje deploram, contava apenas 45 anos, que completaría a 10 de janeiro proximo.

Era filho de Antonio Ribeiro Borges, de Meda de Mouros, concelho de Arganil, homem muito honésto, que saíu da sua terra para ir como empregado do comercio para Sobral de Monte Agraço, onde se tornou proprietario e comerciante. Ali casou e desse matrimonio teve quatro filhos: D. Maria e D. Mariana, Antonio e José. A mãe de França Borges, uma velhinha que hoje conta 78 anos, é filha do sr. dr. José Cristovam França e de D. Mariana Ribeiro França, irmã dos srs. dr. Inacio França, Eduardo França, 1.º oficial do ministério da guerra, reformado; dr. Filipe França, já falecido, que foi um medico distinto, companheiro de Souza Martins; Agostinho França, capitão medico, D. Isabel, D. Helena e D. Maria José.

França Borges havia casado ha anos com a sr.ª D. Amelia da Gama França Borges, nascendo desse enlace tres filhos, que eram todo o seu enlevo: Maria Antonia, Antonia e Eduardo.

Os seus primeiros estudos, fe-los o malogrado jornalista no extinto Colegio Luzo-Brazileiro e na Escola Nacional, de que era director o venerando republicano Barros Proença, colaborando já então em diversos jornaisinhos como o *Neofito*, o *Novo Escolar* e a *Defêsa*, este de Sobral de Monte Agraço, terra da sua naturalidade. Tambem esteve na redacção do *Universal*, folha dirigida pelo falecido Cornelio da Silva e no *Jornal de Noticias*, de Lisboa, de efemera duração. Depois foi funcionario publico, entrando como aspirante na repartição de fazenda do Sobral, de onde o transferiram para Cintra por se revoltar contra os abusos que ali se cometiam. Em Cintra, o administrador, monarquico faccioso, perseguiu-o e mandou-o prender em Lisboa, tendo França Borges de recolher ao governo civil, de onde saíu pelo facto simples de não haver motivo para manter a prisão. Que fizéra ele para que o encarcerassem? Uma campanha contra os *caciques* da vila. Já não o queriam em Cintra e mandaram o joven funcionario para o Sobral, onde se conservou apenas um mez, pois logo recebeu a noticia da sua transferencia para Vila Rial de Santo Antonio! Essas perseguições só tivéram um termo quando o escrivão de fazenda do então 2.º bairro o requesitou para Lisboa, afim de lá fazer serviço. Já nesse tempo, apezar de muito novo, França Borges se manifestára um ardente republicano, fundando mais tarde com Alfredo Lopes de Figueiredo e Agostinho Fortes o Sinedrio Academico Anti-Jesuitico e assistindo a todas as manifestações tendentes a propagar os novos ideiaes quer em comicios quer em reuniões ou simples palestras, nos clubs.

Uma vez em Lisboa, e passado que foi algum tempo, França Borges, cuja paixão pela imprensa era manifesta, entrou para a redacção da *Vanguarda*, passando a trabalhar sob a direcção do grande republicano e distinto jornalista Alves Correia. A sua actividade, a sua energia, a sua fé não conheceram limites. França Borges fez ali as mais valorosas campanhas, entre elas a referente a Pedroso de Lima. A sua situação de intransigente jornalista republicano tornava-se incompativel com as funções publicas que exercia e, ele proprio o conta no seu panfleto *O Combate*, que redigiu com Heliodoro Salgado, um seu devotado amigo, Alves Correia resolveu o caso, ficando com o seu colaborador—o seu amigo, o seu companheiro, o seu braço direito. Depois acompanhou Alves Correia para o *País*, como secretario da redacção, logar que continuou ocupando nesse jornal e na *Lanterna* quando dirigidos por João Chagas. Foi neste jornal que se passou um episodio que define o feitio moral do saudoso lutador. Preterido em uma nomeação, João de Freitas, ha pouco executado após o cobarde atentado contra João Chagas, esperou na rua dos Novegantes o antigo estadista monarquico José Luciano, então presidente do conselho. João de Freitas foi preso e França Borges, que dirigia a *Lanterna* na ausencia de João Chagas, exilado em Espanha, na sua secção diaria *Actualidade* comentou o caso, explicando-o, justificando-o e defendendo-o. A resposta a essa atitude não se fez esperar. Um esbirro da policia prendeu o jornalista republicano, que foi envolvido nas malhas tenebrosas da lei de 13 de Fevereiro e enviado para o Limoeiro, visto o seu pretendido delito não admitir fiança. A decisão dos tribunais superiores anulou o proposito policial, mas não obstante isso França Borges conservou-se durante algum tempo na cadeia, que abandonou, ao darem lhe a liberdade, ainda mais fortalecido para as grandes batalhas pela Republica. Quando a *Lanterna* foi substituida pela *Patria*, dirigide pelo dr. José Benevides, França Borges ocupou ainda no novo jornal o logar de secretario da redacção até que pouco depois passou a dirigi-lo.

Uma vez á frente da *Patria*, o nosso biografado imprimiu ao jornal uma feição absolutamente revolucionaria. Era um brado constante contra a monarquia e contra os criminosos que roubavam e desonravam o país. Todas as manhãs esse jornalista novo, em cujo espirito refreviam todas as audacias e em cujo coração palpitava a mais ardente fé republicana, clamava ao país que só havia uma solução nacional—a Republica. Em volta de si agregava os velhos republicanos, que, dispersos, sonhavam com a organisação republicana, e a gente nova, os moços ardentes e impetuosos que á Revolução davam a sua inteligencia, o seu coração, a sua energia, os seus nervos, o seu entusiasmo mais puro. E que enternecido carinho França Borges tinha para todos os *rapazes* da *Patria*, falange que a gritos de rebeldia ía sacudindo a sociedade portuguêsa, lembrando-lhe que a hora não era para passar a sésta, tranquilamente, mas para as rebeldias que a libertassem!

A *Patria*, mais do que um jornal foi um panfleto que constantemente se encontrava na brecha, reduto inexpugnavel onde meia duzia de almas em revolta, sob a direcção de França Borges se batiam com um denodo que ainda não teve igual no jornalismo de combate. Temos aqui, em frente de nós, a colecção. Contra esse homem voltaram-se todas as coleras dos criminosos que constituiam o regimen monarquico. A policia apreendia o jornal e selava as portas da redacção; os delegados do governo, na Boa Hora, querelavam-no. Na casa onde tinha as suas instalações, espiões miseraveis cercavam-a para vêr quem entrava. França Borges sorria perante tudo isso e—redobrava de violencia. Bem se importava ele com o poder a que votava o mais profundo desprêso!

Impedida a circulação da *Patria* apareceu o *Mundo*. E quando o falecido orçamentologo Carrilho foi ao estrangeiro tratar do convenio por fórma ruinosa para o país, Augusto Fuschini, que era um dos melhores amigos de França Borges, procurou por meio de artigos levantar a opinião publica, que jazia na mais absoluta indiferença. Não o conseguiu. Mas os redactores do *Mundo*, isto é, França Borges e os seus companheiros, é que se decidiram e foram á estação do Rocio aguardar o negociador do convenio para lhe manifestar o seu protésto. Carrilho teve de fugir á desfilada dentro dum trem enquanto a policia se preparava, de chanfalho em riste, para os agredir. Que serenidade França Borges conservava nesses momentos! Que purissima energia! Que solidariedade com quantos o acompanhavam!

No entretanto os escandalos da monarquia, cooperando enormemente para organisar a falange republicana, de quem o *Mundo* era orgão, bandeira, catecismo, tornou o jornal de França Borges uma prestigiosa folha da Republica, o seu clarim denunciador da definitiva vitoria. Já não era possivel suprimi-lo, como fôra suprimida a *Patria*, a proposito da questão religiosa. Essa fragil folha de papel era invencivel. A brutalidade monarquica conhecida pelo 4 de Maio impô-la á opinião não só de Lisboa, mas de todo o país. Sem receios, sem tibiezas, sem sofismas, sem palavras encobertas, França Borges ao mesmo tempo cabouqueiro e arquitecto da Democracia, destruindo o edificio da monarquia e construindo a belêsa moral da Republica, prégava, com uma insistencia que nada quebrava, nem as dificuldades financeiras, nem as perseguições, nem o odio dos adversarios, nem as calunias, nem as ameaças, nem os punhados de lama que os inimigos arrancavam ás proprias almas para lhe arremessarem, que era necessario destruir o regimen monarquico e implantar o regimen republicano. Era uma luta porfiada, constante, feita sem um desanimo, realisada sem um desespero, antes com a certeza de que acabaria por triunfar dessa rude batalha.

A ditadura franquista teve de contar com um homem. O *Mundo* não se acobardou perante os boatos que chegavam junto de França Borges. A cada um desses boatos correspondia um ataque ainda mais violento. Um dia, ainda a atual redacção estava em obras, o juiz de instrução criminal, Francisco Maria da Veiga, mandou intimar a suspensão do *Mundo* por um mez. Os policias que de tal missão tinham sido incumbidos foram postos fóra pelo redactor politico que era o dr. Artur Leitão, e o jornal foi redigido e composto com exexcedida energia. Claro que a policia não o deixou pôr á venda, mas nem por isso ficou por lêr: todos os exemplares foram lançados pelas janelas tendo assim o povo de Lisboa conhecimento da violencia franquista.

Entrementes preparava-se a revolução de 28 de Janeiro e o *Mundo* foi o *foyer* de todos os revolucionarios. França Borges assistia a tudo impassivel, sem um desespero, sem um receio, concordando com tudo desde que se trabalhasse para o triunfo republicano. A policia prendeu-o e até á tragedia do Terreiro do Paço, em que foram varados pelas balas de Buiça e Costa, o rei Carlos e o principe D. Luiz Filipe, conservou-o seu prisioneiro no quartel dos Loios, para socegadamente ajustar contas com o seu implacavel inimigo. Concedida que lhe foi a liberdade, França Borges, continuou a sua vida activa de propagandista e de combatente. Apostolisou, combateu, destruiu com a mesma vivacidade. Nem um só momento ele deixava de trabalhar pela Republica e quando a Revolução de 5 de Outubro se declarou ele sentiu uma intensa alegria e foi com orgulho, com prazer, com satisfação, que encimou a *en-tête* do *Mundo*, o seu jornal, o jornal do povo republicano, com esta palavra que, se a revolução falhasse, lhe podia custar bem caro—*Emfim!*

Proclamada a Republica, França Borges não adormeceu sobre os loiros nem procurou vaidosamente a satisfação de ambições que, álias, seriam bem legitimas, a quem, como ele, batalhou. Não quiz nada. Absolutamente nada que não fosse ser director do *Mundo*. Eleito deputado, no parlamento realisou, como realisava no seu jornal, uma obra republicana, servindo o povo, aconselhando-o, repreendendo-o, por vezes, mas sempre com o desejo de que ele se elevasse como consequencia do

engrandecimento da Republica. E assim se conservou até ao ultimo momento em que pôde combater, o grande republicano, o modelar cidadão, que nestas bréves notas escritas por quem o conhecia bem, decérto, e autenticadas por nós que, a par e passo, pôde-se dizer, acompanhamos,com admiração, deste recanto da provincia a vida politica do finado jornalista, fica como um exemplo de amor patriotico digno de ser seguido pelas gerações futuras.

Condolencias

Dentre os milhares de cartas, bilhetes e telegramas que do país e do estrangeiro teem sido enviados ao nosso colega *O Mundo*, dando-lhe pêsames pela morte do seu querido fundador,contam-se os seguintes despachos que pelo telegrafo desta cidade foram transmitidos para Lisboa logo após o triste desenlace:

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Em nome da redacção do *Democrata* e profundamente contristado com a noticia da morte de França Borges, lamento convosco a perda do intemerato republicano.

(a) *Arnaldo Ribeiro*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Comoveu-me profundamente a morte do honrado e leal amigo França Borges. Aceitem V. Ex.[as] os meus sentimentos.

O governador civil,
(a) *Eugenio Ribeiro*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Por mim e em nome da Comissão Executiva da Junta Geral do distrito de Aveiro apresento as mais sinceras condolencias por o falecimento do nosso querido correligionario França Borges, lamentando a irreparavel perda que acaba de sofrer o nosso partido e a Republica.

O Presidente,
(a) *Marques da Costa*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

A Comissão paroquial politica da freguezia de Aradas (Aveiro) lamenta profundamente a perda do grande republicano e distinto jornalista França Borges.

O vice-presidente,
(a) *Alberto Rosa*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Com todo o pezar os abraço e com toda a sinceridade os acompanho na grande dôr causada pela morte do grande republicano França Borges.

(a) *Virgilio Silva*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Pêsames sentidos pela morte do querido republicano França Borges.

(a) *Antonio Felizardo*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Aceitem a expressão do meu profundo sentir pela perda que todos deplorâmos.

(a) *Alberto Ruela*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Profundamente consternado pela inolvidavel perda de França Borges, desinteressado propagandista e defensor da Republica, envio sentidos pêsames a sua ilustre familia e a essa redacção.

(a) *Capitão Belmiro*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Profundamente consternado envio sentidissimos pêsames pela morte do heroico lutador pela Patria e pela Republica.

(a) *Antonio Julio Aguiar*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

A Comissão paroquial politica da freguezia da Gloria lamenta profundamente o falecimento de França Borges e envia-vos sincéros pêsames.

(a) *Maximo Junior*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

E' com o coração alanceado pela imensa dôr que me causou a noticia do falecimento do republicano dedicado, do insubstituivel propagandista França Borges, que lhes endereço os meus mais sincéros pêsames, rogando-lhes a fineza de os apresentar á inconsolavel familia do ilustre extinto.

(a) *Julio Cabral*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Profundamente contristado envio-vos pêsames pela morte do nosso amigo e batalhador da Republica.

(a) *Antonio Maria Duarte*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Pela morte do intemerato defensor da Republica França Borges as minhas mais sentidas condolencias.

(a) *José Oliveira Lopes*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

E' grande a dôr que todos os republicanos sentem. Perdeu a Patria e o partido um dos mais intemeratos lutadores. Com funda mágoa vos acompanho em tão doloroso transe.

(a) *João Rosa*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

Sentindo imenso a morte do nosso querido França Borges a quem a Republica tanto deve, envio-vos os meus pêsames.

(a) *Alberto Souto*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

A Junta de Paroquia Civil de S. Pedro das Aradas (Aveiro) em seu nome e no de todos os verdadeiros republicanos desta freguezia, lamentando o falecimento do intemerato republicano França Borges, apresenta sentidissimas condolencias.

O presidente,
(a) *Duarte Tavares Lebre*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

A comissão paroquial da Vera-Cruz, Aveiro, acompanha-vos na vossa enorme dôr.

Redacção do *Mundo*
Lisboa

A direcção do *Centro Escolar Republicano de Aveiro*, lançando um voto de sentimento na sua acta pela perda do intemerato combatente França Borges, participa-o, tomando parte na vossa dôr.

(a) *A Direcção*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

As comissões politicas do Partido Republicano Português desta cidade, hoje reunidos em sessão extraordinaria, suspenderam os seus trabalhos por 15 minutos em homenagem á memoria de França Borges, e, acompanhando-vos na dôr sofrida pela perda do querido amigo, pede-vos sejaes interpretes das suas condolencias perante a familia do saudoso morto.

O vice-presidente da Comissão Municipal,
(a) *Francisco Encarnação*

Redacção do *Mundo*
Lisboa

No nosso coração de republicanos sentimos a dôr profunda que acabaes de sofrer pela perda do grande republicano que foi França Borges.

Francisco Pereira Melo e Joaquim Fernandes Martins

O telegrama do sr. Presidente da Republica enviado á ilustre viuva do nosso falecido colega e amigo, é do teor seguinte:

Madame França Borges
Chalet Dulce—Alto Estoril

Com a maior comoção acompanho V. Ex.ª na sua grande dôr pela perda do nosso querido e inolvidavel França Borges.

(a) **Bernardino Machado**

Além dos pêsames enviados por este jornal ao nosso confrade lisbonense, *O Democrata* encarregou ainda o ex-comissario de policia deste distrito, exercendo atualmente o cargo de director dos orfãos da Misericordia de Lisboa, sr. Beja da Silva, de ir pessoalmente á redacção do *Mundo* desanoja-la pela profundo desgosto que acaba de sofrer e ao mesmo tempo representa-lo nas homenagens que vão ser tributadas dentro em bréve ao que tão distintamente dirigiu a popular folha republicana e anti-clerical.

O funeral

São esperados por toda a semana que vem, em Lisboa, os restos mortaes de França Borges que desde a Suissa serão acompanhados pelos intimos amigos do denodado jornalista, srs. dr. Afonso Costa, dr. Germano Martins e Carlos Trilho, que para ali partiram dias antes de se ter dado o triste desenlace, não chegando contudo a tempo de o encontrarem com vida.

A derradeira homenagem que os republicanos portuguêses preparam ao intrepido combatente deve ser grandiosa a avaliar pelas disposições que se estão tomando no sentido de que essa divida de gratidão revista excepcional imponencia, como merece o ilustre morto.

No Porto está-se organisando um comboio especial em que serão conduzidos os republicanos do norte que desejam tomar parte no funeral, sendo já avultado o numero de agremiações inscritas quer daquela cidade quer doutros pontos para acompanharem á ultima morada o saudoso director do *Mundo*.

UM MONUMENTO

Projectando-se levantar em Lisboa um monumento que perpetue a memoria do insigne jornalista tão permaturamente roubado á Republica pela qual tantos sacrificios fez com um estoicismo digno da maior admiração e respeito, *O Democrata* secunda essa ideia, que deve ser perfilhada por todos os republicanos, qualquer que seja a sua filiação partidaria, e abrindo tambem nas suas colunas uma subscrição que auxilie a realisação desse louvavel empreendimento, convida-os a inscreverem-se,certos de que quem tanto fez, desinteressadamente, por a implantação do novo regimem em Portugal, bem merece dos seus companheiros, dos seus amigos, dos seus admiradores, emfim.

O Democrata.	1$00
Dr. Eugenio Ribeiro, governador civil. . .	10$00
Dr. Marques da Costa.	5$00

PARA APROVEITAR

Na secção respectiva inserimos um anuncio pelo qual se vê ter fixado residencia nesta cidade a sr.ª D. Maria Augusta de Almeida, distinta pianista, com o curso do Conservatorio, e a garantia de fazer registrar ali as suas alunas que,conforme a média que por ela lhe for dada, teem assim a faculdade de poderem ser admitidas nas provas anuaes, como se de facto frequentassem o referido estabelecimento.

Bastaria esta vantagem, independente dos vastos conhecimentos musicaes da conceituada professora, que tivémos ocasião de acidentalmente apreciar, para que não perca o ensejo de a aproveitar quem estuda e deseja possuir um diploma, nestas condições tão facil de obter.

Carapuça

O nosso presadissimo colega lisbonense, *O Povo*, num magnifico artigo intitulado—*Republica com*... *republicanos* —em que destaca a fé, a dedicação, a consciencia dos que deixaram derruir as instituições monarquicas, facilitando a sua quéda, escreve:

. . . .

«Um regimen sem dedicações morais a defendê-lo, um regimen que não está radicado nas almas, que não tem fundamentos especiais, é um regimen que vive artificialmente, sem vitalidade e sem segurança. Quando a consciencia dum povo não se funde com esse regimen e dele vive desintegrada e afastada, esse regimen está condenado a desaparecer: a sua vida é uma agonia lenta.

Não são os devoristas, os comilões, os parasitas, os *tubarões* que na hora do perigo o defenderão. Isso sim! Essa gente sabe apenas manducar—e um ideal não é uma cêlha. Emquanto tudo corre em mar de rosas, o céu está de bôa cara e os relampagos não riscam os horizontes, essa corja béra, barafusta, move-se e defende muito o regimen de que se alimenta, arde em zelo, derrete-se toda em *abnegação*... Não estamos nós vendo agora protestando pela Republica, um amor historico de *femme folle* e pondo em duvida a sinceridade republicana de muitos republicanos de nascença, numerosos, numerosissimos *arrivistes* que encaneceram a esburgar o osso monarquico? Não estamos vendo por aí a aquilatar do republicanismo deste e daquele miseros sacripantas que reduziam sempre a vida ás funções digestivas? Ninguem poderá dizer que o não vê! Pois bem.

Na hora incérta—que oxalá não venha nunca—em que as instituições republicanas corram gráve risco de perder-se, essa gente some-se, escapa-se, deserta. As suas mandibulas param de rilhar. Ficará á escuta. Se a monarquia voltasse... essa corja mudaria logo para azul e branco o verde e encarnado das suas palavras desvergonhadas.»

Mais bem talhada carapuça para aquela especie de democraticos que o 5 de Outubro teve artes de fazer surgir do antro reaccionario da Vera-Cruz — hão-de concordar — ninguem póde exigir.

Por medida, não ficaria tão cérta...

Não é verdade, *Bichêsa?*
Não é verdade, *Flautas?*
Não é verdade, *Pilécas?*

E tu—ó eterno charlatão, burlista elegante, que em Aveiro e arvorado em *homem politico, politico republicano* e *republicano democratico*, pertendias continuar a mesma vida dissoluta de sempre fiado na protecção de cima! — não é verdade?

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Reforma da policia

Tendo pelo ministério respectivo continuado a tratar-se deste assunto, o corpo de policia civica desta cidade enviou ao sr. ministro do Interior o seguinte telegrama:

Ex.mo Sr. Ministro do Interior
Lisboa

O corpo de Policia Distrito Aveiro pede V. Ex.ª se digne promover-lhe sejam garantidos direitos adquiridos pois projecto nova reforma vem crear situação embaraçosa inumeras familias.

(a) *A Corporação*

Vamos lá a vêr

O orgão democratico de Oliveira de Azemeis, *O Radical*, no seu n.º 491, escreve:

EM ERRO...

«O ilustrado correspondente do nosso confrade *Gazeta de Arouca*, nesta vila, dando conta da estada, aqui, do deputado por este circulo, sr. dr. Barbosa Magalhães, escreve no final da sua carta:

«Na vinda e no regresso foi o ilustre parlamentar acompanhado pelo sr. dr. Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho, distinto juiz da policia de investigação criminal em Lisboa.

Este distinto magistrado é alvo, nesta vila, Cambra e Arouca, da mais sincéra simpatia, consideração e apreço, pela nobreza dos seus sentimentos e erudição de que é possuidor.»

«Francamente, e com verdade incontestavel—ninguem até hoje deu pela simpatia, consideração e apreço que o ilustrado correspondente diz gosar nesta vila, em Cambra e Arouca, o habilidoso... democratico dr. Adolfo Coutinho.

Se o ilustrado correspondente da *Gazeta* quizer saber das qualidades e mais partes que concorrem no supracitado cavalheiro basta informar-se com os nossos correligionarios de Cambra, vitimas da mais negra ingratidão e do mais desleal e traiçoeiro procedimento por parte do mesmo supracitado... arranjista, corrido do seio dos republicanos cambrenses quando estes lhe conheceram os predicados.

O ilustrado correspondente da *Gazeta* está em erro, mas em erro gráve que é absolutamente necessario desfazer. O sr. dr. Adolfo Coutinho não gosa em parte alguma nem de simpatia, nem de consideração, nem de apreço. O ilustre... republicano democratico apenas chegou a iludir os republicanos de Cambra. Nada mais.

Tenha paciencia o correspondente da *Gazeta*—mas labora num erro ao supor que o dr. Adolfo Coutinho é homem que mereça a simpatia, a consideração e o apreço de pessoa alguma.

Isto prova-se com factos, e ha de provar-se visto que o emerito... arranjista se intromete, tão traiçoeiramente, como o tem feito, nas questões politicas que ora se debatem no seio do partido democratico desta terra.»

Porque nos palpitasse que o correspondente da *Gazeta de Arouca* voltaria á estacada, abrimos o seu numero de domingo e eis o que lá se depára datado de 1 do corrente:

«Não estou em erro; mantenho a minha afirmação.

No ilustrado e considerado jornal desta vila *O Radical* n.º 491, de 27 de outubro ultimo, num artigo aí inserido sob a epigrafe—*Em erro*...—levantou-se reparo pelo motivo de eu, na minha carta inserta no jornal a *Gazeta de Arouca* n.º 208 de 23 do referido mês, haver declarado — *que o distinto magistrado sr. dr. Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho, integérrimo juiz da policia de investigação criminal em Lisboa, era alvo nesta vila, Cambra e Arouca, da mais sincéra simpatia, consideração e apreço, pela nobreza dos seus sentimentos e erudição de que é possuidor.*

Não estou em êrro e mantenho a minha afirmação.

No geral, o esclarecido magistrado sr. dr. Adolfo Coutinho, aqui, em Arouca e Cambra, conta muitas simpatias, é apreciado e muito considerado,—como magistrado—pela sua proficiencia e fórma levantada como se tem conduzido e conduz no desempenho do seu elevado ministério—como homem—pelo seu proceder correcto, nobreza de sentimentos, fórma fidalga, amabilidade e inviolar lhaneza de que usa para com todos aqueles que com s. ex.ª teem de tratar.

E' certo, e assim sucede, que muitos cavalheiros ha que, conduzindo-se com aprumo e sem que descarrilem da vereda da honra e dignidade, não pódem nem facil lhes é agradar e obter a simpatia de todos os cidadãos.

O grande estadista, homem culminante de pulso intemerato Marquez de Pombal, não póde conseguir, obter a consideração, estima e simpatia de todos os homens, e ainda hoje ha quem pretenda ofuscar a aureola resplandecente dos seus grandes feitos.

O probo e distinto homem de bem D. Francisco de Almeida, creou antipatias.

Salvador Ribeiro e Sousa, patriota dotado duma honestidade e abnegação incomensuraveis e sublimes, só mereceu o despreso dos govêrnos do seu tempo, embora tivésse conquistado a simpatia e admiração dos homens dessa época.

Arala, em Ovar, só procurou o bem dos seus patricios, e sendo um incansavel campeão pugnando sempre com ardôr pela prosperidade da sua terra, não conseguiu a todos os seus patricios agradar.

O simpático Conde de Castelo de Paiva, que tanto praticou pelo bem dos seus conterraneos e levantamento da sua muito amada Paiva, conseguindo transformar esta num completo eden, que tanta admiração produz, não logrou conquistar a completa simpatia e o apoio de todos os seus patricios.

Ao sr. dr. Adolfo Coutinho, como sucedeu áqueles eminentes homens que referi, possivel lhe não é auferir as simpatias de todos os cidadãos que bem o conhecem.

Não póde nem deve causar admiração ou estraneza a quem quer que seja o facto de não conseguir o lucido magistrado, sincéro e considerado republicano sr. dr. Adolfo Coutinho alcançar as simpatias de todos os homens, porque até hoje nenhum outro qualquer homem logrou conquistar a simpatia de todos os seus semelhantes.

Mas, pouco, muito pouco ou mesmo nada vale o que venho dizendo, porque muito, muitissimo diz e representa, em favor do erudito magistrado sr. dr. Coutinho, o facto de haver sido este apreciavel juiz nomeado, pelo atual govêrno que preside aos destinos do país, para ocupar na capital um logar tão proeminente e de tanta responsabilidade, nomeação que sobremaneira honra e distingue esse esclarecido membro da magistratura portuguêsa.»

Por sua vez o *Radical*, replíca:

PERSISTINDO NO ERRO...

«O ilustrado correspondente da *Gazeta de Arouca*, nesta vila, respondendo á nossa local—*Em erro*—inserta em *O Radical* de 27 de mês findo, teima em apresentar aos seus leitores, como um grande cidadão, o grande... republicano democratico, arranjista emerito e páu para toda a colher, dr. Adolfo Coutinho.

Já que persiste em apregoar qualidades que o *ilustre ornamento do partido democratico* nunca possuiu, espere um pouco o ilustrado correspondente da *Gazeta*. O jornal chegou-nos hoje ás mãos, e nós temos mais que fazer. No proximo numero falaremos, pois.»

Vamos lá a vêr quem tem razão: se os que negam ao sr. Adolfo Coutinho qualidades de republicano, se os que defendem o caudatario do sr. Barbosa de Magalhães, passando-lhe o diploma de *sincéro e considerado republicano*.

Vamos lá a vêr para elucidação das gentes e socêgo do Marquez de Pombal.

Os primeiros

—(*)—

A folha oficial publicou na segunda-feira uma relação de oficiaes do exercito separados do serviço por não merecerem confiança á Republica da qual fazem parte os seguintes nomes: general Jaime de Castro, coronel de infanteria Adriano Madureira Beça, tenente-coronel do estado-maior Alfredo de Magalhães Ramalho, tenente-coronel de cavalaria 10 Firmino Teixeira da Mota Guedes, major de engenharia A. Rodrigues Nogueira, capitão de artilharia Alberto de Almeida Teixeira, capitão de artilharia Raul Ribeiro de Andrade Pissarra, capitão de cavalaria Fernando da Silveira Ramos, capitão de cavalaria 7 João de Vasconcélos e Sá, tenente de cavalaria Carlos Sepulveda Veloso, tenente de cavalaria José de Sá Paes do Amaral, tenente de cavalaria Henrique de Castro Constancio (desertor), tenente de infanteria João Gomes de Abreu Lima, tenente da administração militar Albano de Seabra Rangel, alferes do secretariado militar Levi Augusto de Vasconcelos, alferes de cavalaria 6 Boaventura Ferreira da Costa, alferes de infanteria José Antunes Maia (desertor), alferes miliciano de engenharia João de Lencastre e Tavora, alferes miliciano de reserva Antonio Lobo de Portugal e Vasconcelos, e alferes farmaceutico miliciano do distrito do recrutamento n.º 12 Julio de Almeida.

Ao todo vinte oficiaes dos 300 que se diz terem sido apontados como suspeitos de infedelidade ao regimen e que teem ainda a faculdade de recorrer do despacho que os irradiou para o conselho de ministros e da decisão deste para o parlamento.

Quasi todos os separados ficam com parte dos seus vencimentos por onde se conclue que a mistificação continua não obstante os protestos levantados contra a permanencia dos inimigos do regimen nos logares que só republicanos de verdadeira confiança deviam ocupar.

Basta, basta, que sob o ponto de vista moral e administrativo não lucra nada a Republica com a *limpêsa* assim feita.

LEITE

vende-se ao litro no *Cisne da Arcada*.

TRAPAÇA

E' do dominio publico um incidente ocorrido entre o chefe de secretaría da câmara e o presidente do Senado, incidente que teve origem no modo como estava redigida uma acta para favorecer pecuniariamente cérto empregado camarario, como se taes procéssos de favoritismo pessoal possam ser admitidos por uma corporação incumbida de administrar os réditos municipaes.

Sabemos que a minuta da acta em questão fai mandada riscar na parte relativa á alteração apenas dela houve conhecimento, só lamentando nós que dentro da vereação não existisse uma voz com a independencia e a coragem suficientes para exprobrar a ousadia de quem, supondo-se ainda no tempo em que tudo corria á matroca, sem fiscalisação, se julga com forças de tudo conseguir á custa das suas reconhecidas habilidades.

E' triste, mas que se lhe hade fazer?

Vida politica

Lemos em dois colégas de fóra que no dia 31 de outubro se realisou nesta cidade a eleição da comissão distrital do Partido Republicano Português que hade funcionar no bienio de 1915 1917, ficando assim constituida:

Efectivos

Dr. Adriano de Amorim, Dr. Eugenio Ribeiro, Alfredo de Lima e Castro, Dr. Joaquim Pinto Coelho, Dr. Alberto Augusto da Silva Tavares, Alberto de Albuquerque Sobral e Dr. Samuel Maia.

Substitutos

Bernardo de Souza Torres, Dr. Alvaro Amorim, Dr. Eduardo Silva, Dr. Angelo Pereira de Miranda, Dr. Antonio da Silva Gouveia, Dr. Augusto do Amaral e Americo de Castro.

A reunião teve logar no *Centro Escolar Republicano* e foi presidida pelo deputado dr. Marques da Costa.

Parada reaccionária

Em Mação, proxima vila de Santarem, realizou-se ha dias a procissão do Coração de Jezus que foi, dizem, uma verdadeira parada reaccionária abrilhantada com a presença de alguns evolucionistas e funcionarios publicos.

Agarrados ás varas do palio viam-se os srs. dr. José Rebelo; dr. Matias, conservador do registo predial; dr. Antonio Salgueiro, oficial do registo civil; presidente da câmara, dr. Fernando Rodrigues, medico e Abilio Caldas Nobre da Veiga, engenheiro agronomo, presidente da comissão avaliadora das novas matrizes e ex-governador civil de Aveiro.

O Coração de Jezus tinha a subida honra de cavalgar os ombros de dois doutores e um estudante, pegando noutro andor, emparelhado com o presidente da comissão executiva da câmara, o aspirante de finanças, servindo atualmente de secretário.

Tudo isto é singulãr. Mas muito mais extraordinario achâmos que o sr. Nobre da Veiga apareça agarrado ao palio, ele que com tanta intransigencia combatia os padres e as procissões.

Se um dia para cá voltar, hade receber o ramo do Senhor *Escrementado*...

Olé!...

Uma fita politica em Oliveira de Azemeis

BARBOSA DE MAGALHÃES EM FÓGO

Foi em sintese apertada que fizémos as referencias aos protogonistas da peça da baixa comedia—dr. Barbosa de Magalhães e *impedido*—que desde ha muito em *fita* se vem desenrolando sobre este *écran* londrino. Se flanassemos por Cambra, Arouca e outras localidades, tanto nos tempos atuaes como nos passados, muito e muito mais tinhamos a dizer, ainda que em contrario opiniões de dicionarios se amontôem em colunas de adjectivos. Não queremos *auferir simpatías*, mas demonstrar por factos e raciocinios que as nossas afirmações e o nosso prognostico, feitos na reunião presidida pelo deputado Marques da Costa, tivéram completa confirmação: dr. Barbosa de Magalhães tudo promete sob sua palavra de honra, não com a honrada intenção de cumprir, mas com o fito manhoso de se arranjar.

Não queremos fazer elogios de favor, de interesse ou de medo, seja a quem fôr; mas fazer justiça, apontando factos aos que, por obrigação de defêsa republicana, teem o dever de salvar o país, depurando-o dos tubarões que parasitam sobre a politica economica e moral da nossa nacionalidade. Nesta campanha não é odio pessoal que nos move: é sómente a revolta instigada pelos sentimentos republicanos integrados na nossa estrutura desde os tempos em que muitos dos nossos adversarios de hoje bajulavam a realeza, abraçavam, lacrimosos, as pernas do rei ou, em altar de montra, o santificavam aos olhares do nosso povo, ignorante por desleixo, bondoso por indole, trabalhador por necessidade e até mesmo em parte por ambição de supremacia social provinciana.

A nossa atitude de então é precisamente a que hoje mantemos e que havemos de seguir, quer sejam os nossos adversários pequenos ou grandes, soldados ou marechaes, analfabetos ou ministros.

A verdade tem sempre a mesma côr e é rica em demasia para se prostituir. E a Republica, implantada, mas não feita em 5 de Outubro, não deve ser de furtacôres, nem se deve prostituir; tem de se mostrar ao povo na sua verdade, na sua pureza, na sua abnegação e patriotismo. Todos os portuguêses que a quizérem rodear em familia, teem de harmonisar as suas palavras com os seus sentimentos e com os seus actos. Não basta dizerem-se republicanos: é indispensavel que o sejam. E para isso teem, por sua livre vontade, de defender a Republica, colocando acima de tudo os interesses do país, escorraçando e até castigando os falsarios, os intrujões, os arrangistas.

Para se libertar uma nacionalidade é preciso despedaçar os grilhões com que a escravatura dos homens estrangula a alma nacional; tem de se libertar o povo, educando-o na verdade e protegendo das arremetidas dos que da propriedade e vontade alheias querem ser senhores.

E' uma necessidade inadiavel que a Republica seja de republicanos e para todo o país. Não parodeêmos a frase do rei D. Carlos. Levantemos bem alto e com todo o aprumo os nossos protéstos contra essa miseria que vergonhosamente se alastra por toda a parte. Se formos vencidos, o que núnca acontecerá, que o sejâmos com honra. Ser escravo é ser inimigo figadal dos principios republicanos. Ser escravo, nunca!

E os portuguêses deste concelho que quizérem ser republicanos teem de se libertar da direcção politica da emprêsa Barbosa de Magalhães & C.ª; teem de não consentir jámais a repetição dessas poucas vergonhas politicas que enxameiam este concelho e que em parte constituem a *fita* que vamos principiar a descrever.

* * *

Foi por uma carta que o dr. *Impedido*, em nome do celeberrimo Barbosa de Magalhães, escreveu ao presidente da comissão municipal politica democratica, que se iniciou a comedia.

O sr. dr. Adolfo Coutinho, natural de Macieira de Cambra, onde é assás conhecido pelas suas habilidades de instabilidade politica, atualmente alcunhado de *republicano sincéro* pelo motivo, bem fragil e bem em moda, de ocupar um logar de destaque no funcionalismo caseiro, é um homem que se destaca pela sua coerencia social. No tempo da monarquia era ao mesmo tempo regenerador e progressista em dois concelhos visinhos e implantada a Republica, num rodopio constante, andou a bater a todas as portas aonde lhe cheirasse a influencia governamental. Tudo conseguiu nessa ocasião, tendo apenas a pequena arreiia duma néga. As informações aí recebidas eram verdadeiras mas péssimas.

O dr. *Impedido* era tudo que fosse ou traduzisse adversidade á monarquia de que foi um bélo exemplar. Atualmente é democratico ferrenho, *que tem em mira augmentar o seu partido*, aonde ha uma maioria esmagadora de republicanos sincéros, leais, convictos e serventuarios dos monarquicos na sua terra natal. Aonde desempenha as suas funções burocraticas, é republicano; aonde está o dinheiro amontoado a sorrir-lhe na esperança dum futuro gordo, é monarquico, ou antes, um catolico politico.

E' ou não isto coerencia?

Viver regaladamente á custa da bajulação é o melhor dos sentimentos. Independencia, hombridade, dignidade e tudo o mais que constitue a nobreza dum caracter são cousas insignificantes para preocupar um espirito superior. Mas é assim que se é admirado em todas as terras que se pizam; mas é assim que em *magna quantitatae* se *auférem simpatías*. Não é este senhor doutor um verdadeiro complemento do deputado? Se não existisse, havia necessídade de se inventar para as falhas ou ausencias do marechal. Pois foi este complemento, este apendice que, servindo de secretario, escreveu ao presidente da comissão politica, pedindo-lhe que, sem demora, mandasse dizer quem devia preencher a vaga deixada pela morte do oficial de deligencias, Albino Caimão. O presidente, atual administrador do concelho, interpretou a carta como lho ordenava a organisação partidaria, mandando reunir imediatamente a comissão para fazer a indicação. Reunida esta na sua maioria, escolheu um nome. O proposto arranjou logo todos os documentos precisos e, entregues ao presidente da comissão, este os enviou ao dr. *Impedido* com a resolução daquele corpo politico.

Descançados, esperaram os republicanos o aparecimento do despacho no *Diario do Govêrno*, visto ter sido feito o oferecimento pelo marechal, dr. Barbosa de Magalhães. Dias depois o dr. Amorim de Lemos disse ao presidente da comissão que o despacho não se fazia por emquanto, no que não foi acreditado porque o presidente nunca supoz que um marechal democratico faltasse á sua palavra, seguisse o velho trilho dos pantomimeiros monarquicos. Confiados na sinceridade do oferecimento foram esperando, até que uma nova carta da mesma origem e paternidade veiu dizer que o despacho não se fazia sem primeiro Barbosa de Magalhães vir a Oliveira conversar com os elementos do partido.

Com tal pronuncio nasceu a desconfiança e a descrença no idolo da honra. Na atmosféra politica desenhava-se uma imposição dos *homens dos votos*, nome moderno para designar a repugnante velharia de *caciques*. Um sussurro de indignação principiava a ouvir-se e o dr. Barbosa de Magalhães foi avisado para não vir no dia combinado a esta vila, aonde o esperavam um opiparo almoço e os seus correligionarios, cidadãos que ainda não aderiram, que ainda não se irradiaram do partido monarquico-republicano. Velhas amizades, comungando nos mesmos sentimentos. Tudo voltou, porém, á pacatez morna, manhosa, doentia da terra.

Uma manhã anunciam os jornaes do Porto o preenchimento da vaga do oficial de deligencias. Uns riem de contentes, outros protéstam e ainda outros lastimam a ingenuidade. Os que não lêram os jornaes perguntavam: *mas quem foi o nomeado?* E quando lhe diziam que fôra um monarquico, embasbacados, recolhiam ao silencio. Admiração, afinal, sem causa.

A comissão politica protésta para Lisboa na dôce esperança de não ser confirmada no *Diario*, mas este, obediente como é, confirma a ordem. A revolta subiu então ao seu auge e o presidente da comissão segue á capital. Na sua passagem por Espinho catrapisca, ao saír dum comboio, Barbosa de Magalhães. Este já sabe tudo e lastima o acontecimento, mas promete que no dia seguinte vai para Lisboa tratar do caso.

Fiado, o presidente chega a Lisboa, procura por toda a parte o marechal e ninguem lhe dá noticias dele. Pergunta mesmo ao *impedido* e... nada. De volta bate em Aveiro e sempre o mesmo silencio, a mesma ignorancia do paradeiro.

Cuidados sérios começam a sentir-se, pensando-se em qualquer suicidio por desgosto... A inquietação ataca e vence os mais serenos.

Todos os patriotas procuram o indispensavel deputado com lagrimas nos olhos e com o coração retalhado pela dolorosa incerteza. Só nós, os *visionarios* e *intransigentes*, sorrimos, de punhos cerrados e de braços em poligono, da farça e... dos farçantes.

Lopes de Oliveira
(Medico)

"Riso do Vouga"

Passou ontem o primeiro aniversário deste periodico local.

Os nossos cumprimentos.

Para quê mais?

Aos bilontras, que gatafunham as velhas calinadas no orgão que foi dos homens politicos, politicos monarquicos, monarquicos progressistas, dissidentes, regeneradores teixeiristas, mas que depois do 5 de Outubro, instantaneamente, passaram a *homens politicos, politicos republicanos* e *republicanos democraticos*, França Borges não mereceu mais que meia duzia de linhas, que, por dever de oficio, rabiscaram para a gazeta da familia. Bastaria a chegada de uma ou outra pessoa da casa; a ascensão de qualquer menino virtuoso que um bamburrio de sorte guindasse ás culminancias do poder; a morte do mais vulgar membro da seita para que fossem escritas colunas sobre colunas, com aquela reconhecida e estafada desfaçatez e impertinente persistencia, que é de uso, arrotando-se a proposito, linhagens, descendencias, aristocratías—tudo, já se vê, em harmonia absoluta com os principios professados.

Para França Borges, para esse homem que foi um gigante, que fez a Republica para taes fajardos a usufruirem—duas linhas apenas e... basta!

Para quê mais?

França Borges trabalhou e morreu vitima desse trabalho? Desse trabalho gozam eles, esse trabalho deu-lhes o que da propria monarquia, que tanto exaltaram, nunca conseguiram. Mas França Borges, morto, não lhes póde continuar a dar. Para quê massadas?

Ao menos são coerentes com o passado e com esta manifestação de caracter não desmancham o velho conjunto.

Repugnantes pulhas!

Notas mundanas

Vimos na rua, quasi restabelecido dos seus encomodos, o sr. dr. Luiz Pereira do Vale, meritissimo juiz da comarca de Estarreja.

✤ *Esteve na nossa redacção esta semana o sr. Alvaro Antonio Nunes, de Ilhavo.*

✤ *Adoeceu o sr. Alfredo de Lima e Castro, a quem apetecemos rapidas melhoras.*

✤ *Regressou da Costa Nova á sua casa de Oiã o sr. José Ferreira Diniz e esposa.*

✤ *Faz depois de ámanhã anos o sr. José Alexandrino Beja da Silva, pae do nosso querido amigo sr. Antonio Maria Beja da Silva, muito digno director dos Orfãos da Mizericordia de Lisboa.*

Os nossos parabens.

✤ *Só agora soubêmos ter seguido para S. Paulo, E. U. do Brazil, onde se acha empregado numa importante confeitaria, o sr. Joaquim Mateus Farto, a quem desejâmos todas as felicidades.*

✤ *Realisa-se depois de ámanhã, aniversario do nosso amigo e assinante, sr. José Tavares Lavoura, o registo da sua netinha, primogenita de sua filha Diolinda Tavares da Silva e seu marido Clemente Antonio Luiz, residentes em Segadães, á qual será dado o nome de Aida.*

Infindas venturas.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Necrologia

Com 81 anos de edade, finou-se terça-feira ultima o sr. Miguel Augusto Pereira de Araujo, inspector de Finanças aposentado, natural de Braga.

Deixou testamento e o seu corpo ficou sepultado no cemiterio desta cidade.

CORRESPONDENCIAS

Nariz, 1

(*Retardada*)

Ha tres ou quatro semanas que o *Rizo do Vouga* nos vem fornecendo umas cartas provocadoras e á ultima hora firmadas por *Modesto*. A' ultima devia eu ligar tanta importancia como ligo ao seu autor. Mas como hoje é domingo cá na aldeia sempre direi ao grosseiro correspondente, que fala de touros, tourinhos, e touradas, que não tenho por habito assistir a tão estupidos divertimentos, salvo raras excepções. Mas que diabo, uma vez não são vezes e eu apezar de não ser do genero amador, se você, seu *Modesto* tem lá pelas suas propriedades gado em condições para o espectaculo, eu, como bandarilheiro não faço parte da *função*, pois póde dar-se o caso da corrida ser á hespanhola e... você como artista sabe o perigo que correm os espetadores de *farpas*... Mas para lhe mostrar a minha valentia—visto assim o exigir—posso-lhe fazer aquela *sorte* que você conhece: pegar o *boi de cara*, já viu?...

Na sua carta, que falava de tudo um pouco, dizia tambem que nunca teve politica. E' falso. Você pouco tempo depois de implantado o novo regimen o qual você tanto deteóra, creio que foi um dos socios fundadores duma sucursal

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro,, ou "sobrinho do Milheiro,,

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior

Regenerante

do *Centro do Corno e da Ferradura*, assim conhecido em Aveiro, e que aqui teve morte instantanea.

Então o ilustre jornalista—desculpe a frase, repito—que não merece—não é politico e mete-se nestas cousas?

E' politico, sim, mas politico de contradição. Se não é politico, para que, nos *pasquins* seus afetos, tanto clama contra o cidadão Silvestre que segue uma sã politica da qual a freguezia tem tirado tantos resultados?

Siga você, seu *Modesto*, o caminho da Rasão e verá que nele encontra a Verdade. Diz na sua carta que Silvestre ocupa, sem competencia, um lugar no Senado Aveirense. Pois não vejo aqui outro que o ocupe melhor do que ele e tanto prova que o povo de Nariz ainda não levou ás cadeiras do Senado outro a não ser o cidadão vizado nas suas cartas.

Você é o diabo, seu *Modesto*!

Pois você pergunta-me se eu tenho alguem que me pague os rabiscos e se a pessoa vizada na sua correspondencia é o cidadão Silvestre? Digo-lhe que enquanto á segunda pergnnta não tem resposta, e enquanto á primeira respondo que não. Fique você sabendo, seu *Modesto*, que eu não sou como você, engraxador de politicos, emprego que a você talvez não fique muito mal segundo a sua delicadeza. E fique sabendo mais que não são os ares da banda *di lá* que me fazem tonto, mas sim os ares da banda *di cá* que o fazem variar.

Desculpe o *elegante* moço não responder por completo á sua patusca carta, mas eu prometo-lhe não perder com a demora.

Guilherme Francisco Luizo

PLATRES ARTISTICOS

Chegou enorme sortido á casa da Costeira—AVEIRO.

ANUNCIOS

Moto F. N.

Modêlo de 1914 em cilindro e com debrayagem, vende-se.

Quem pretender dirija-se a João Gomes Soares—Alquerubim.

CASA de familia séria aceita duas alunas do Liceu ou Escola Normal, oferecendo-lhe todas as comodidades.

Nesta redacção se diz.

Professora de piano

Maria Augusta de Almeida, diplomada, com distinção, no curso superior de piano (8.º ano) pelo Conservatorio de Lisboa, dá lições na sua casa e na das alunas, preparando para exame no Conservatorio.

Matricula aberta até ao fim deste mez na Praça da Republica, n.º 1—AVEIRO.

Propriedade

Acha-se á venda uma, sita nas ruas da Estação e de Sá, que pertenceu a José Bernardo de Almeida.

Quem déla pretender póde dirigir-se ao advogado, sr. dr. André dos Reis.

TEATRO AVEIRENSE

AVISO

A Direcção do Teatro Aveirense previne os srs. acionistas que resolveu, á semelhança dos anos anteriores, conceder-lhes em uma das sessões cinematograficas das 5.as feiras, redução de 50 °/o nos bilhetes de camarote e plateia para o que pódem desde já, munindo-se da respectiva acção, reclamar o seu cartão de *bonus* no estabelecimento de Antonio Vilar, na Rua de José Estevam.

Pela Direcção, o secretario

João Rosa

Tremoço bravo

E' o adubo melhor e mais barato para vinhas e terras. Dá-se a qualquer terreno.

A' venda na casa de cereaes de José dos Santos Gamélas, de Esgueira.

Na rua de José Estevam n.º 37 (rua Larga) compra-se ouro uzado, trocam-se ou vendem-se bonitos objectos de ouro ou prata e concertam-se os mesmos por preços baratos na oficina e ourivesaria Vilar.

REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 8

ANUNCIO

O concelho administrativo do regimento faz publico que no dia 2 de dezembro proximo futuro, pelas 12 horas, hade proceder á venda, em hasta publica, na parada do seu quartel, de nove solipedes julgadas incapazes do serviço do exercito.

Quartel em Aveiro, 10 de novembro de 1915.

O Secretario-tesoureiro

Carlos Gomes Teixeira

Ten. da Ad.º Militar

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES DE José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colegas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude das condições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Junta A. das Obras da Barra e Ria de Aveiro

CONCURSO

Faz-se público que até ás 14 horas do dia 27 do corrente está aberto concurso documental para preenchimento do logar vago de Mestre de Obras, contractado, para servir ás ordens da Direcção das Obras da Barra e Ria de Aveiro, devendo os concorrentes apresentar no Govêrno Civil de Aveiro os seguintes documentos:

1.º—Requerimento escrito e assinado pelo próprio, com a letra e assinatura reconhecidas, e dirigido ao Presidente da Junta;

2.º—Documento comprovativo de que é cidadão português;

3.º—Certificado de que satisfez a lei de recrutamento militar;

4.º—Certificado do registo criminal;

5.º—Atestado de bom comportamento passado pelas câmaras municipais e autoridades policiais dos concelhos em que tiver residido nos últimos 3 anos, devendo constar de cada um dêstes documentos qual o tempo de residência do peticionário nos concelhos a que êstes atestados digam respeito;

6.º—Certificado médico que prove:

a) que foi vacinado;

b) que não padece de moléstia contagiosa;

c) que não tem deformidade que o iniba de bem desempenhar o logar;

d) que possue a necessária robustez.

7.º—Carta de Mestre de Obras;

8.º—Quaisquer outros documentos comprovativos das habilitações e competência de concorrente, sôbretudo documento que prove ter o requerente dirigido ou administrado obras com competência.

Todos os documentos a apresentar devem ter as assinaturas reconhecidas por notário das comarcas ou concelhos onde hajam sido passados, e as dêstes por seu turno reconhecidas por notário de Aveiro, ainda mesmo que tragam o sêlo branco das respectivas repartições.

As obrigações que incumbem ao Mestre de Obras são as seguintes:

1.º—Acompanhar os serviços das Obras da Barra e Ria de Aveiro, não os abandonando durante as horas úteis de trabalho;

2.º—Fazer da escrituração a parte que lhe compete, e substituir, na sua ausência, o escrevente da Direcção;

3.º—Cumprir e fazer cumprir todas as ordens que, sôbre assuntos de serviço, da Direcção lhe forem dadas pelo Engenheiro Director das Obras.

O Mestre de Obras vencerá o jornal mínimo e diário de 1$00, podendo ser-lhe aumentado quando a Junta o entender, ou quando e pelo tempo que prestar serviços extraordinários.

Govêrno Civil e Secretaria da Junta A. das Obras da Barra e Ria de Aveiro, 10 de novembro de 1919.

Pelo Governador Civil Presidente da Junta

O Secretário Geral,

Joaquim de Melo Freitas

Grande deposito de adubos para todas as culturas

ADUBOS SIMPLES

Sulfato de amonia com 20 °/o de azote
Nitrato de sodio com 15 °/o de azote
Cloreto de potassio com 50 °/o de potassa
Superfosfato de cal com 12 °/o

ADUBOS COMPOSTOS

G. C., V. R., D. C.

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Difusidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Casa de emprestimo sobre penhores

—DE—

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0/0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido. Esta casa acha-se aberta todo o dia.

Hotel e Restaurant Campestre

Oliveira do Bairro

E' o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM

COMODIDADES EXPLENDIDAS

Especialidade em leitão assado

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

—DE—

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro,** de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.